

**SOCIEDADE CULTURAL E EDUCACIONAL DE ITAPEVA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA**

**A LITERATURA INFANTIL NA PERSPECTIVA DE
MÚLTIPLAS LINGUAGENS**

Ingrid Lopes de Oliveira

Itapeva – São Paulo – Brasil
2014

**SOCIEDADE CULTURAL E EDUCACIONAL DE ITAPEVA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA**

**A LITERATURA INFANTIL NA PERSPECTIVA DE
MÚLTIPLAS LINGUAGENS**

Ingrid Lopes de Oliveira

Orientadora Prof.^a Esp. Maria de Fátima Proença de Souza

“Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva como parte das obrigações para obtenção da Licenciatura em Pedagogia”.

Dezembro/2014
Itapeva – SP

“Mil cairão ao teu lado, dez mil à tua direita e tu não serás atingido.”

(Salmos 91:7)

Á Deus acima de qualquer coisa e a mulher mais honrada e amada da minha vida: minha mãe, Maria Luiza.

AGRADECIMENTOS

À Deus que por sua infinita bondade caminhou de mãos dadas comigo até aqui, dando força, coragem e amor. Deu esperanças e consolo durante os dias. Ao meu melhor amigo, aquele que não perdeu nenhuma guerra e deu vitória à mim.

A mais linda de todas as mulheres, minha mãe Maria Luiza. Que lutou comigo dia-a-dia, que acreditou no meu potencial, que orou por mim de primavera a primavera. A quem eu devo quem sou, tudo o que sou. Meu maior orgulho é ser sua filha, e me ver refletida e tão parecida com você. Eu te amo!

Ao meu pai Valdir por todo seu amor e dedicação, por me ajudar, me amar e cuidar de mim até hoje.

Ao meu noivo João Henrique, por viver este sonho junto comigo. Por me dizer que eu iria além, e por caminharmos em uma só fé. Um só coração. Por ser meu companheiro, por estar presente na tristeza e alegria, por me amar e por ser tão maravilhoso como você é! Eu te amo, amor. Muito.

À minha irmã Gislaine e minha sobrinha Ana Beatriz que não poderiam ficar fora deste sonho tão lindo de amor. Posso não dizer o tempo todo, mas vocês são parte disso tudo e nada teria acontecido sem esse sorriso lindo de vocês duas. O apoio, o entusiasmo, o amor e a confiança depositada em mim me fizeram vencer!

Aos meus professores Andrei Müzel e Bruno Vespasiano, à coordenadora do curso e a minha orientadora Maria de Fátima que contribuiu muito durante todo o trabalho, e que disponibilizou seu tempo para me ajudar. Muito obrigada professora!

À todos que acreditaram em mim, pois certamente não conseguiria chegar até aqui sozinha.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A LITERATURA INFANTIL NA PERSPECTIVA DE MÚLTIPLAS LINGUAGENS. 11	
2.1. Conceito de Literatura Infantil e as Múltiplas Linguagens	12
2.2. Concepção de Criança e a Origem da Literatura Infantil.....	14
2.4. Estratégias de Leitura	20
2.4.1. A Leitura Deleite e a Leitura Utilitária	23
2.5. Análise Estrutural do Estilo Literário para crianças	24
3. MATERIAL E MÉTODOS	29
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6. REFERÊNCIAS.....	33

A LITERATURA INFANTIL NA PERSPECTIVA DE MÚLTIPLAS LINGUAGENS

RESUMO – A presente pesquisa tem por finalidade salientar a contribuição da literatura infantil no contexto educacional. A literatura tem um papel importante na escola, que se destina primordialmente à formação de leitores dentro de perspectivas de múltiplas linguagens, no qual se estenderá por vários eixos. Com base nos conhecimentos adquiridos pode-se perceber a importância dessas linguagens dentro da literatura e analisou-se os catálogos de livros que os acervos literários continham relacionando-os com a pesquisa. Pode-se constatar que estes são de grande importância para o aprendizado, já que contribuem e perpassam por vários eixos e abordam diferentes temas e assuntos na sala de aula.

Palavras-Chave: Leitura, Literatura Infantil, Múltiplas Linguagens

CHILDREN'S LITERATURE FROM THE PERSPECTIVE OF MULTIPLE LANGUAGES

ABSTRACT – This research aims to highlight the contribution of children's literature in the educational context. The literature has an important role in school, which is primarily intended for training players in perspective of multiple languages in which over a number of axes. Based on the acquired knowledge can realize the importance of these languages in the literature and analyzed the catalogs of books that literary collections contained relating them to the research. Can be seen that these are very important for learning, contributing and rush on several axes and different themes and subjects in the classroom.

Keywords: Children's Literature, Multiple Languages, Reading

1. INTRODUÇÃO

A literatura infantil dentro de suas múltiplas linguagens vem sendo questionada no âmbito escolar ultimamente. O ato de contar histórias que englobam diversas temáticas tem sido frequentemente usado em escolas estaduais que recebem anualmente acervos literários afim de que todas as crianças tenham acesso à leitura em suas mais variadas formas, seja para aprender a contar, conhecer o corpo humano, aproximar culturas diferentes, compreender a ortografia e a gramática, conquistando o aprendizado de maneira lúdica e divertida.

Sua natureza foi sendo modificada de acordo com as necessidades de cada sociedade, porém, seu caráter doutrinário ainda permanece. O certo é que, tradicionais ou modernas, as histórias contribuem constantemente no processo de ensino aprendizagem e na formação de leitores críticos.

O tema foi escolhido devido a minha paixão nada secreta por livros. Desde pequena sempre gostei de ler e fui apaixonada pelos contos de fadas e aprendi a ler muito rápido por conta disto. Quando entrei para o curso de Pedagogia, decidi que meu tema seria relacionado a literatura infantil.

Minha pesquisa surgiu a partir do contato que tive no projeto ler e escrever, com crianças que tinham dificuldade na leitura e escrita e usufruíam deste material para superar essas dificuldades.

O referencial teórico foi dividido em seis partes, sendo que a primeira parte faz reflexões sobre a literatura infantil nas múltiplas linguagens, destacando sua importância e favorecendo o acesso à leitura no atual cenário acadêmico, abordando os conceitos de acervos literários e sua importância, fazendo ligações com a diversidades de conteúdos retratados nas histórias.

A segunda parte é um breve conceito sobre o estudo da literatura infantil diante das concepções de infância e perante sua natureza: doutrinária, prazerosa e de aprendizado. Isto porque, após tanto tempo ainda acredita-se que sua finalidade esteja centrada apenas em dogmas religiosos e ensinamentos morais, sendo que a literatura infantil vem transformando a educação por meio de suas histórias

contagiantes, formando leitores críticos. Por isso, vem sendo implantada por meio de projetos nas escolas afim de que reconheçam sua verdadeira natureza.

A terceira parte retrata a importância do professor mediador no processo de leitura e escrita, usufruindo das múltiplas linguagens na literatura infantil para oferecer um aprendizado dinâmico e lúdico, no qual professor propicia momentos de leitura em suas aulas criando hábitos e instigando as crianças ao mundo literário.

A quarta parte aborda as estratégias de leitura que o educador deve apropriar-se em sala de aula, no qual se destinará o caminho que deverá percorrer. Traz abordagens sobre a leitura deleite e leitura utilitária e em quais momentos devem ser utilizadas. É por meio dessas estratégias que a criança compreenderá o que será lido, fazendo com que haja um contato mais significativo entre o educando e o texto.

A quinta parte tratará da análise estrutural do estilo literário para criança que destinará os mais variados tipos de literatura infantil e sua importância no processo de ensino aprendizagem, sendo eles: mito, lenda, contos, parábola, apólogo e alegoria.

Diante disto, o presente estudo almeja compreender a contribuição da literatura infantil na aprendizagem das crianças por meio de suas múltiplas linguagens, tomando a base teórica e a revisão de literatura como suportes.

Ressaltando que é necessário que a criança tenha contato com os mais variados tipos de textos, fazendo vínculos entre os conteúdos para que possa compreender não somente o meio em que está inserida, mas o mundo de uma forma lúdica e significativa.

2. A LITERATURA INFANTIL NA PERSPECTIVA DE MÚLTIPLAS LINGUAGENS

Segundo a proposta do MEC (2009) o uso dos acervos complementares na sala de aula tem extrema importância, pois fazem o contato entre diversos textos e disciplinas em um conjunto transdisciplinar. Essa proposta foi elaborada a fim de que estes acervos colaborassem no processo de ensino aprendizagem de forma contextualizada e divertida, ou seja, pode-se usufruir destes livros tanto para trabalhar uma disciplina específica, quanto para uma leitura deleite.

Com a proposta surgiu o Programa Nacional Biblioteca da Escola em 1997, que tinha como objetivo implantar o acesso aos livros na escola. Porém, os acervos foram implantados somente em 2010, com o surgimento das Obras Complementares, que dizem respeito ao conteúdo elaborado para cada faixa etária de acordo com o desenvolvimento de cada criança. (BRASIL, 2009)

O acervo ainda faz menção a criança querer buscar naturalmente seus próprios interesses e vontades a partir desses materiais disponíveis na sala de aula. Dentro desse projeto, pode-se encontrar as Obras complementares (BRASIL, 2009) que não visam um roteiro didático para o professor, mas objetivam o prazer pela leitura, informando, divertindo, buscando e construindo conhecimentos a partir de suas múltiplas linguagens.

Desta forma, os acervos complementares possibilitam uma aproximação entre a criança e as mais variadas literaturas, entre ela e seu meio, entre a sociedade e o mundo estabelecendo relações e diferenças dentro e fora do contexto escolar. (BRASIL, 2009)

O MEC (2009) ainda reforça que estes acervos têm por objetivo amplificar percepção cultural dos alunos por meio de histórias que retratam tempos diversos, podendo ser usadas em várias situações favorecendo o aprendizado e dando oportunidades iguais para quem não tem contato com a leitura fora da escola.

Em relação às Obras Complementares, o Ministério da Educação relata que suas temáticas englobam sempre conteúdos próximos à realidade dos alunos, tendo diferentes linguagens do conhecimento envolvidas, como: Ciências Naturais e Matemática, Ciências Humanas, Arte e Música.

As obras complementares que tratam dos livros nas áreas de Ciências Naturais e Matemática, segundo os PCN's (1998), tendem a favorecer assuntos próprios dessas temáticas, a fim de que os alunos aprendam de uma maneira dinâmica e lúdica. Abordam temas como a natureza, os seres vivos e o meio, universo e a terra de forma significativa e prazerosa.

Em termos gerais, o MEC (2009) ainda traz uma discussão perante a importância de se trabalhar esses conteúdos por meio dos acervos literários, destacando que estes abordam conteúdos que perpassam regiões, mas que também aproximam o leitor de seu próprio meio. Permeiam questões que remetem a relação do ser humano com seu próprio meio, sendo dependente deste para sua existência; suas transformações e a preservação do meio ambiente. Esses conteúdos são trabalhados por meio das obras literárias, que além de ensinarem, possibilitam ao aluno uma leitura prazerosa e educativa.

Sobre os conteúdos de Matemática nos acervos de obras complementares, o MEC (2009) afirma que tratam-se de livros que abordam experimentos, parlendas, brincadeiras, possibilitando opiniões, criando, explorando por meio do conteúdo os eixos matemáticos.

Desta forma, o objetivo de se incorporar os conteúdos matemáticos nas obras literárias baseia-se em diversos aspectos: saber interpretar as mais diversificadas situações do cotidiano com a matemática; o uso de números crescentes e decrescentes; localização e espaço; formas geométricas; operações numéricas; frações, massa, tempo... (BRASIL, 2009)

Assim, segundo MEC (2009) o professor ao utilizar esses recursos pode trabalhar de uma maneira lúdica e dinâmica, favorecendo a aprendizagem por meio de histórias em seus mais variados contextos.

2.1. Conceito de Literatura Infantil e as Múltiplas Linguagens

Coelho (2000) define literatura que literatura é arte, sinônimo de criar e recriar, fantasiar e construir sonhos por meio do seu contexto imaginário. É o caminho pelo qual as crianças percorrem para fundir seus sonhos e sua vida. Não

há palavras exatas para definir o que é literatura, porém, a autora ainda afirma que é uma linguagem específica, carregada de experiências reais e imaginárias.

Assim Aguiar, Bordini (1993) condizem com a autora, afirmando que as obras literárias são representações feitas do mundo, inteiramente ligadas ao que queremos e desejamos ser. Desta forma, essa interação é realizada por meio da literatura, seja falada, verbal ou escrita. Seu objetivo maior é a formação de novas mentes voltadas a leitura e a um cidadão consciente.

Há também quem acredite, que a literatura infantil seja reduzida de valor por se tratar de histórias que são direcionadas “apenas as crianças. “Sua designação se remete a uma literatura de menor qualidade, pela maioria dos textos possuírem caráter infantil. (CADEMARTORI, 1994)

Em contradição a autora cita que a literatura infantil é designada a todo aquele que se identifique com sua modalidade literária, não sendo desvalorizada pelo seu contexto textual, pois é repleta de conhecimentos que enriquecem a aprendizagem daqueles que leem.

Em relação às múltiplas linguagens, Vitória (2006) cita que se constituem por meio das experiências e relações humanas, favorecendo a comunicação. O meio cultural e suas transformações vão originando diversas múltiplas linguagens, e estas acabam sendo inseridas no contexto escolar.

A relação entre o meio social e as pessoas é mediada pela linguagem, adaptando-se conforme seu convívio. Ou seja, ao aproximar os conteúdos englobados às estas múltiplas linguagens, está aproximando também, a bagagem cultural da criança ao conhecimento que adquiriu. (BULGRAEM, 2013)

É viável, segundo Morin (1998) que os professores saibam mediar o conhecimento do aluno em conjunto com os mais diversificados tipos de linguagens, aprimorando e utilizando suas especificidades nos conteúdos literários. O educador também, pode variar as múltiplas linguagens de acordo com a necessidade de cada criança, aproximando os conteúdos de sua realidade, favorecendo um conhecimento significativo dentro de vários contextos.

2.2. Concepção de Criança e a Origem da Literatura Infantil

Não é possível falar de literatura sem antes discorrer sobre as concepções de criança abordadas que foram se concretizando durante as épocas. Nota-se que sempre houve a criança, mas nem sempre a infância. Foram várias as concepções de infância, construídas e modificadas de acordo com a sociedade. (ÀRIES, 1986)

Segundo Coelho (2000) a criança era vista como um adulto em miniatura, no qual a imaturidade presente precisava ser retirada, para que fosse preparada com objetivos de assumir papéis adultos em quaisquer situações. Não se escrevia, portanto, para as crianças. Os livros não eram direcionados ao público infantil, perante a não existência do conceito de infância. Os primeiros livros tratavam-se de relatos cotidianos que eram passados de tradição em tradição, levando-a aos contextos doutrinadores que pudessem gerar uma melhor preparação para o futuro.

Richter (1974) relata que elas faziam parte do mundo adulto, adotando seus costumes, trabalhando, tomando decisões, vestindo-se como seus pais, ouvindo e presenciando acontecimentos que não eram apropriados para sua idade, não havia um cuidado especial ou necessário com as mesmas.

Para Zilberman (2003), o número de mortalidade infantil cresceu devido à essa falta de cuidados que tinham perante as crianças. Para eles, uma criança que morria poderia ser substituída facilmente por outra, pois não tinham valor para a sociedade. Foi necessária uma nova maneira de se compreender o conceito de família, que era vista apenas com graus de parentesco e passou a ser compreendida como sinônimo de afeto e amor perante os membros desta.

Segundo Àries (1986) em meados do século XII ainda não se tinha o reconhecimento pela infância, esta não era vista como importante e também não era representada, ou seja, não havia seu lugar no mundo.

Somente no século XVIII, com o fim do feudalismo começaram a surgir novas concepções em relação a criança, e surge o conceito de infância, que passa a ser considerada diferente da fase adulta, ressaltando seus aspectos e diferenças a fim de preparar as crianças para a vida adulta e para o mundo. Surgiram também as primeiras escolas e a literatura de fato para as crianças. Os filhos dos empregados

eram preparados para serem servos, e os filhos da elite eram preparados para ocupar o lugar de seus pais. (ZILBERMAN, 2003).

Desta forma, Filho (2010) destaca que uma nova camada social surgiu com o fim do feudalismo e com a vinda do homem do campo para a cidade: burguesia. A desigualdade social imperava fluentemente, dando uma educação de qualidade para a elite e uma educação precária para a classe média. Assim, o acesso aos livros tornou-se limitado, fazendo com que em um primeiro momento, os filhos dos camponeses tivessem contato com a literatura por meio de contos folclóricos contados por seus pais e familiares como tradição, e os filhos dos bem sucedidos da elite mantinham contato direto com a literatura propriamente dita. Com o tempo as transformações foram acontecendo, dando ênfase a importância de uma educação de qualidade.

Com isso a literatura foi evoluindo de acordo com as novas concepções de criança para atingir o público infantil, de forma que os clássicos e os contos folclóricos tivessem adaptações que visassem uma leitura adequada para crianças. Consta-se que a literatura infantil brasileira iniciou-se com Monteiro Lobato, que escreveu histórias de acordo com a realidade do Brasil, a fim de aproximá-las do cotidiano das pessoas, trouxe também uma nova literatura fadada às crianças. Tratava-se de uma literatura que causaria muitas modificações, tanto na sociedade quanto no conhecimento. (GREGORIN FILHO, 2010)

Segundo Cunha (1987) o Brasil foi influenciado pelas alterações de concepção de outros países, ficando cada vez mais subalterno às colônias, adaptando assim as histórias dentro das produções portuguesas. Portanto, estes acontecimentos serviram para que a infância atualmente, construída por todos esses fatos, valorizasse a criança como um ser em formação, uma etapa de preparação para o futuro e principalmente a ideia de que a criança de hoje será o adulto de amanhã.

De acordo com Cademartori (1986) a criança era constituída como adulta por completo, que passava por algumas fases até atingir a real maturação. Nesse período constata-se uma incógnita responsável pelo aquietamento da infância no séc XVII. Não se sabia a importância das fases de desenvolvimento da criança e em como elas atuam na preparação para o futuro.

Atualmente a criança é vista como um ser social que interage e assume um papel central nas relações sociais, constrói seu próprio conhecimento tendo o

educador como mediador, reconhecendo suas diferenças e constituindo sua identidade pessoal. (BULGRAEM,2003)

Portanto, Coelho (2000) destaca que a valorização da literatura é recente. Pois, a mesma precisou passar por várias concepções até se concretizar na vida cultural da sociedade tendo caráter significativo na escola. Entretanto, a infância possui duas fases contraditórias: de um lado, é acolhida pela lei e respeitada pela maioria da sociedade, por outro, é corrompida desde muito cedo, como cita o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

Perante os estudos de Nono (2010), notamos como o conceito de criança deriva de conceitos singulares, onde houve avanços e também permanência de acontecimentos relativos a este pressuposto. Porém, deve-se lembrar que se esta diante de uma abordagem de tempo e de sujeitos históricos que recompõem conceitos meramente de acordo com a evolução da humanidade.

2.3. A Literatura Infantil e o Papel do Professor

Conforme os estudos de Basso (2001), o acesso aos livros, as oportunidades de estar em conexão com a leitura usufruindo desta, vem aumentando frequentemente. Porém são poucas as crianças no Brasil que têm o hábito de ler. Muitas têm seu primeiro contato com o livro somente quando entram na escola, e algumas leem apenas por obrigação e não pelo prazer da leitura. Esta obrigação se dá, constantemente pela falta de interesse do professor em trabalhar com a literatura ou até mesmo pela inexperiência de se trabalhar com a mesma no contexto escolar.

Desta forma, Rocha (1983) destaca que a leitura não deve ser tratada como algo imposta, nem mesmo analisada por sua base, ou seja, selecionada e planejada a partir de seu contexto apenas como utilidade para tal pretexto. Assim, deveria ser utilizada em diversos eixos, em múltiplas linguagens de maneiras dinâmicas e criativas, fazendo com que haja um interesse profundo para a leitura, sem obrigação alguma, pois somente assim seria uma literatura que encanta de verdade.

Assim Coelho (2000) complementa o pensamento de Rocha (1983) na concepção de que é por meio da literatura que acontecem as relações entre o eu, o

mundo e a formação da criança, dentro da perspectiva que é uma arte e deve ser tratada como tal, sendo explorada dentro de suas múltiplas linguagens.

Costa (2007) confirma dizendo que literatura é a arte do que se escreve e lê, e que por intermédio dela os textos literários afloram a emoção e a percepção do espaço vivido e concebido, favorecendo reflexões acerca de si mesmo e do outro, seja por leitura ou escrita de histórias, tanto na casa, quanto na escola. O estímulo deve acontecer principalmente na escola, o professor deve estimular as crianças a ler, mas não somente no âmbito escolar, fora dele também.

Paulino (2012) também retrata o pensamento, considerando que o professor deve fazer da literatura um coligado com o aprendizado, sendo de extrema importância para o processo de ensino aprendizagem, ampliando o conhecimento de uma forma mágica e lúdica, introduzindo assim a criança em um mundo real, no qual o imaginário desenvolve e fortalece seus aspectos sociais, emocionais e cognitivos.

A literatura constitui a identidade da criança, fazendo significações entre a história e a realidade destas, trazendo suas experiências como molde para as situações futuras, estabelecendo conexões entre a oralidade e a escrita. (COSTA, 2007)

Soriano (1975) diz ainda que independente das peculiaridades do livro, por mais simples que seja, acaba atingindo parte do emocional da criança, destinando mensagens a ela, para que seja possível fazer a ligação entre o real e o imaginário.

A partir da literatura, Faria (2004) ainda relata que a criança é capaz de situar-se no mundo, fazendo inúmeras comparações entre essa realidade e imaginação, analisando e plantando sonhos e realizações que deseja para si, experimentando uma única e divertida experiência sem sair do lugar: lendo ou ouvindo alguém contar uma história.

O autor ainda reforça que o professor precisa analisar e conhecer os textos, antes mesmo de passá-los em sala de aula, aproximando a literatura da realidade das crianças. Segundo a autora, deve-se apresentar o livro aos educandos, a fim de que seja prazeroso, para que haja contato com a leitura propriamente dita, sem obrigações ou intenções pedagógicas, para somente depois, com outros textos usufruir destes para se trabalhar com uma utilidade/finalidade.

A escolha do material é muito decisiva para a formação do leitor, visto que cada conteúdo visa e contribui para vários conteúdos, mas sempre tem suas especificidades. A abordagem deve estar em conexão com o conteúdo que será

apresentado, favorecendo a aprendizagem e o hábito da leitura. Assim, não se deve cogitar a possibilidade de trabalhar leitura por meio de obrigações. Ela pode ter finalidades pedagógicas, mas precisa também ser prazerosa. O professor pode ser a única referência, o único que apresenta, que conta e explica uma história. O único, que inclui a criança no mundo da leitura, fazendo dela um grande leitor. (RAUEN, s.d)

Entretanto, a escolha dos textos deve visar o interesse das crianças para que possa ampliar seu conhecimento e para que a mesma sinta-se estimulada para querer aprender a partir dos textos literários. (ZILBERMAN, 1985)

Por isso, é importante que haja a mediação entre o aluno e o conteúdo do texto, não fazendo da leitura apenas como instrumento de lazer. É viável, que o educador analise perante suas propostas, os momentos em que a literatura acontecerá e qual seus objetivos para a aula. Desta forma é necessário equilibrar os meios pelo qual irá utilizar as leituras literárias. O autor ainda afirma que, ao contar histórias se está tratando de conflitos internos e que ao contá-las pode-se ir além do prazer, pois contam muito sobre nós, contam sobre situações de nossa própria sobrevivência. (CAVALCANTI, 2002)

O autor ainda diz que o fato dos educandos terem um contato direto com os livros, auxilia na descoberta tanto de si mesmo, quanto do outro, criando e recriando realidades, dando mais sentido ao mundo a partir da história.

Lalojo (2008) afirma que autor e leitor devem estar sobre o mesmo contexto e seu conteúdo deve estar em conexão com a realidade da criança, para que a mesma possa fazer associações entre a escola e seu meio.

Coelho (2000) ainda reforça que o educador deve ter a percepção de que a literatura infantil está conectada com as transformações ocorridas e as que estão acontecendo, sendo baseadas por meio de eixos centrais: do aluno concentrado, do mundo ao seu redor e do professor habilidoso; como diz Freire (1997) que não existe professor sem aluno, e nem aluno sem professor e muito menos a possibilidade de alguém aprender sozinho, pois ambos aprendem juntos.

Em seus estudos, Corsino (2010) diz que é de extrema importância que o professor saiba mediar os conhecimentos prévios que a criança já traz, aos conhecimentos novos, ou melhor, deve-se fazer vínculos entre o que está ouvindo e o que se vive. Pode-se compreender o livro como uma ligação entre o adulto que

conta a história e é repleto de experiências, e a criança que ouve e irá aprender, desfrutando dessas experiências.

O ato de ler se designa como um ato de aprendizagem. Essa é uma das tarefas principais da literatura infantil: transformar a leitura em aprendizagem. (CORSINO, 2010)

Para que se possa compreender melhor, é possível considerar alguns aspectos passados às situações atuais. Diante dos estudos de Cosson (2010) antigamente a literatura na sala de aula competia a um espaço destinado a leitura e escrita, ainda que fosse de contos simples às obras mais complexas; era basicamente a cópia dos textos para escrever melhor. Fundamentava-se apenas na educação da elite, não havendo uma valorização, um espaço dedicado ao prazer de ler, tinha como finalidade a formação humanista. As novas tecnologias deram lugar a um novo conceito de cultura, abrindo espaços para novos padrões de sociedade no âmbito escolar. Desta forma, acabou-se o ensino direcionado a elite, visando o ensino para todos.

Em meio a tantas mudanças, o livro literário perdeu-se pelo caminho e acabou sendo substituído por novos portadores textuais, como revistas, jornais, filmes ou fragmentos literários, não contemplando o texto na íntegra. (Não que seja errado usufruir destes fragmentos, eles contribuem para a inserção desses novos portadores e para a diversidade de gêneros que se pode ler, dando oportunidades a uma ampliação da leitura. (COSSON, 2010).

Os materiais e conteúdos devem favorecer a compreensão da leitura, sendo sempre dinâmicos e diferenciados. As intervenções e orientações devem ser favoráveis ao aprendizado, fazendo do ato de ler, algo produtivo. A construção do conhecimento por meio de leituras literárias é muito rica, desde que o educador saiba selecionar e aprimorar o essencial de cada leitura, enfatizando e destacando o que há de mais importante, permitindo que o aluno pense, assimile, relacione informações do cotidiano aos conteúdos novos, decidindo o que é importante e o que não é. O professor é a chave de todo o processo, ou seja, depende dele o que será ensinado, as estratégias que serão abordadas e o desempenho de todo seu trabalho. (RAUEN, s.d)

Diante destas concepções, Coelho (2000) assegura que a escola deve ser um espaço que favoreça dois momentos: o de propiciar um estudo programado, que refere-se ao ato de pesquisar e apropriar-se da leitura para estudo ou atividades

com enfoques didáticos, e o de criar momentos em que os alunos sintam-se livres para utilizar a literatura de forma espontânea. Entretanto, esses processos geralmente acontecem isolados, no qual deveriam integrar-se a fim de complementar uma ênfase coerente do aprendizado, dando significação pra a importância da leitura na sala de aula.

Em relação ao espaço da literatura dentro da sala de aula, o autor relata que esse espaço se dá por meio das reflexões que as obras fazem, salientando conclusões e desvendando mistérios, muitas vezes da vida, ampliando o repertório de palavras dos educandos, favorecendo tanto a leitura quanto a escrita.

Portanto, os educadores devem tentar sensibilizar as histórias, de forma que essas auxiliem em questões tanto pessoais como educacionais na vida da criança, até mesmo no crescimento dela, buscando constantemente informações e consciência da importância da literatura. Somente por meio deste pensamento pode-se cultivar cultura e tradição, revelando e realçando ideias do que somos, de onde viemos e de quem podemos ser. (CAVALCANTI, 2002)

2.4. Estratégias de Leitura

Em seu livro, Solé (1998) introduz o significado de estratégias que se destina a ação ou caminho pelo qual se vai seguir, constituindo em atos inteligentes e ao mesmo tempo perigosos, pois deve-se ter bem claro o objetivo destas no quesito pedagógico. Tem por função um elemento primordial: o autocontrole e a autodireção que favorecem uma melhor reflexão tanto do papel do professor, quanto da necessidade do aluno, perante os objetivos expostos.

A autora ainda relata que a compreensão das estratégias de leitura é essencial, pois favorece a compreensão do que será lido. Portanto, é importante ressaltar que estas irão fortalecer e contribuir para o desenvolvimento da criança, não devendo ser tratadas como meras técnicas mecânicas visando apenas o ato de ler. O maior objetivo das estratégias permeia em torno de ensinar e propiciar análises, resolução de problemas, buscar e encontrar soluções, como também usufruir da leitura perante os objetivos que lhe foram propostos.

As estratégias favorecem um contato maior entre a criança, o texto e o professor já que dão suporte para uma melhor compreensão do que foi lido e ênfase no trabalho do professor que faz as mediações entre o texto e a criança. Desta forma, constrói-se um aprendizado significativo, que contribui constantemente na formação de leitores. (SOLÉ, 1998)

Em relação a aprendizagem das estratégias, o professor deve apropriar-se de momentos em que a criança traga seus conhecimentos prévios para aproximá-la da leitura por meio destes, dando aos educandos conhecimentos que têm significados e fazendo relação com suas vivências. O educador é o modelo, portanto o aluno reproduz o que ele faz, sendo assim, não cabe somente à criança a tarefa de ler criando-se assim o hábito de leituras. (SOLÉ, 1998).

A autora cita alguns tipos de estratégias: leitura compartilhada e leitura independente. Em relação às tarefas de leitura compartilhada, são úteis para a compreensão dos alunos perante as estratégias, como usá-las e como compreender o texto a partir delas.

Essa leitura é conhecida também como leitura em voz alta, no qual os professores são portadores desta voz. A responsabilidade de quem lê é muito importante, pois dará a compreensão de todo texto lido. A leitura em voz alta pode persuadir todo o contexto abordado, havendo mudanças na entonação da voz, dramatizando ou ironizando situações. Esse tipo de leitura favorece a desenvoltura das crianças, dando caminhos pelo qual o professor pode trabalhar a partir da necessidade analisada. (LALOJO, 2005)

Assim Duarte; André (2008) relatam que na leitura silenciosa, o aluno compreende mais o significado do texto, pois seu contato com a leitura é mais direto.

É essencial que os alunos desfrutem de uma leitura silenciosa para aprenderem o hábito de ler. As crianças constroem seus próprios ritmos, podem ler e reler trechos que não compreenderam, como também exercitar leitura para praticá-la depois em voz alta. (SOLÉ, 1998)

Pode ser também chamada de leitura independente, funciona como uma avaliação e cerceia os outros tipos de estratégia dando suporte. Pode-se trabalhar a partir de leituras compartilhadas, a partir de trechos, leituras para análise, ler por prazer, pode-se elaborar questionamentos, discussões sobre os pontos de vistas levantados mostrando a importância do aluno ler por si próprio, colocando em prática suas próprias estratégias. (SOLÉ, 1998)

Portanto o educador, segundo Albuquerque (2010) deve aplicar atividades divertidas e dinâmicas que estimulem a leitura dentro dessas estratégias de leitura, fortalecendo sua concepção de mundo com a da escrita do texto, o imaginário. A autora ainda diz que é preciso fazer essas relações em um primeiro momento, para depois apresentar a literatura diretamente com as palavras para seus alunos.

Solé (1998) ainda faz comparação do ensino/aprendizagem situando e englobando as estratégias no sentido de que o aprendizado é o prédio que se constrói, tendo o andaime que são as intervenções do professor perante este aprendizado, construindo uma relação compartilhada, no qual o professor guia o aluno para que ele mesmo tenha autonomia de futuramente construa e dirija seu próprio conhecimento.

Em seu livro, Solé (1998) faz concepções a três momentos importantes, no qual, a leitura deve acontecer. O primeiro destes é: o antes da leitura.

A autora ainda reforça que dentro deste primeiro momento a leitura vai além das técnicas e estratégias que se pode abordar. É, antes de tudo algo espontâneo que traz alegria e entusiasmo para quem lê. A motivação tem que ser conjunta, deve vir do professor e do aluno, que juntos favoreceram o ensino da leitura. Deve-se existir momentos no qual, será trabalhada somente a leitura e em outros apenas o ato de ler.

Perante os estudos de Solé (1998) cabe ao professor, viabilizar a leitura em diferentes momentos, seja: oral, compartilhada, coletiva, individual ou silenciosa, deve ser perceptível o momento no qual serão usadas e os objetivos de cada estratégia. Para finalizar, o educador deveria analisar as relações entre a criança e a leitura, suas imensidões, seus desafios e seu modo de enfrentar as situações que lhe são propostas, oferecendo as intervenções necessárias para exceder as incógnitas presentes na leitura.

No segundo momento, Solé (1998) ainda traz a concepção sobre durante a leitura, que aborda a ideia do leitor que lê e compreende o que foi lido, fazendo algumas antecipações de acontecimentos que irão ocorrer no texto. As características do texto são as responsáveis por estas antecipações e o professor precisa saber mediá-las de forma que a compreensão textual seja presente em suas aulas.

A autora ainda relata que as variedades de gêneros textuais são de grande importância, pois contribuem para o repertório de palavras, fazendo relações entre a

criança e o meio, enriquecendo sua aprendizagem, para que a criança se sinta envolvida em suas atividades de leitura, fazendo desta um desafio significativo para a criança.

O último momento trata-se do depois da leitura, no qual Solé (1998) diz respeito às conclusões que serão realizadas após os termos de leitura, sobre a importância do conteúdo estudado, os resumos, a ideia principal e o objetivo daquela leitura.

Assim Lalojo (2005) destaca que é viável favorecer e contribuir alternando os modos de leitura, familiarizando e aproximando as estratégias dos alunos, afim de que eles também possam escolher e opinar sobre tipos de estratégias de leitura que desejam trabalhar e a razão para tal. Assim o professor estará mediando os conhecimentos em conjunto com seus alunos.

2.4.1. A Leitura Deleite e a Leitura Utilitária

O momento, os objetivos e as intenções que se enquadram dentro do texto são variadas, assim como suas interpretações. Cada criança entende e aprende de uma forma única. Assim, não é se possível separar os objetivos dos leitores, pois ambos caminham juntos. Cabe ao professor, observar e analisar os tipos de leitura que devem ser implantados em determinados aulas e quais seus objetivos. Porém, este deve, antes de tudo conhecer seus alunos. (SOLE, 1998)

Dois importantes eixos envolvem a literatura e a leitura no contexto escolar: a leitura utilitária e leitura deleite. De acordo com Solé (1998), a leitura utilitária, leitura como pretexto ou leitura para aprendizagem, como denomina, têm finalidades pedagógicas estabelecidas de forma que ao ler o aluno aprenda por meio do conteúdo. Geralmente o texto é indicado pelo professor como pretexto para que o aluno associe, amplie seus conhecimentos buscando novas informações.

Oliveira (2010) contradiz o pensamento afirmando que nem todos os conteúdos, atividades e eixos precisam ser trabalhados por meio da leitura, pois assim, teria somente a finalidade de ensinar, tendo a obrigação de ler apenas para aprender. Destaca também, a importância dos alunos escolherem livros de seu

interesse aguçando a relação entre a leitura e a criança, não sendo somente algo imposto, utilitário.

Compreende-se assim que a literatura não tem compromisso de apenas ensinar e submeter-se somente a conteúdos com enfoques pedagógicos, pois acima de tudo faz o encontro entre a criança e ela mesma, despertando a fantasia e imaginação, trazendo e correlacionando informações novas e experiências já obtidas. Assim sua finalidade deve estar relacionada ao querer ser, buscar ser e não dever ser algo. Deve fazer referência ao emocional da criança, ao prazer de se ler um livro, de imaginar cada parágrafo e personagem, de fazer das histórias algo próximo e conhecido, aprimorando e aguçando novos conhecimentos. (OLIVEIRA, 2010)

Assim pode-se relacionar a leitura deleite como o ato de ler por prazer. Assim, pode-se dizer que nem tudo que é lido, precisa ter um aprofundamento pedagógico sobre o assunto, ou deve ser tratado como uma obrigação. Oliveira (2010) ainda afirma que a leitura deleite vem justamente para acabar com esse paradigma. Desta forma, para que o leitor tenha um contato maior e possa tornar-se um leitor literário, é preciso saber apreciar a leitura.

Conforme Souza (2009) a interação da criança com os textos, sua liberdade em poder escolhê-los de acordo com sua curiosidade ou afinidade será o início de uma leitura prazerosa, deixando-o à vontade para ler o que mais lhe agrada. Ao ler um texto por ele mesmo escolhido, fará com que haja um maior interesse e uma maior compreensão pela leitura.

A autora ainda reforça que é por meio dessa leitura que a imaginação, fantasia e a emoção serão estimuladas de uma maneira bonita e fascinante.

2.5. Análise Estrutural do Estilo Literário para crianças

Segundo Cavalcanti (2002) as narrativas contribuíram muito na aptidão da humanidade em criar e recriar por meio da imaginação, fantasiando, emocionando e fabulando. A autora ainda diz que o ato de narrar sempre existiu, o homem sentia a

necessidade de narrar, de interpretar o que via, o que conhecia por meio de narrações.

Em relação às narrações Coelho (2000) relata que a matéria narrativa, ou seja, a voz de quem está contando a história a partir de uma certa visão, prossegue dando sequência aos acontecimentos (no caso da efabulação), no qual as condutas são experimentadas pelos personagens da história, onde casualmente acontece o espaço que tem certos limites e tempos no qual acontece. Assim, pode-se dizer que a narrativa se dá por meio de uma linguagem que se comunica facilmente, seja com quem está lendo (leitor) ou quem está escutando (ouvinte).

Desta forma, ao se trabalhar literatura infantil na escola, Costa (2007) afirma que é preciso considerar que há diversos portadores textuais que intermediam o aprendizado, por se tratar de um trabalho diversificado, que necessita ser atualizado e chamar a atenção das crianças ao ouvir ou escrever um texto. Dentre as análises, a mais trabalhada é a narrativa. Esta compreende vários estudos específicos que dependem da sabedoria do professor, para que as atividades desejadas sejam aplicadas de acordo com o estudo do texto literário escolhido.

Diante das concepções, o autor ainda diz que as palavras encontradas nos livros possuem diversificados significados, dentre eles permeia eixos, formação, conhecimento, relação entre real e o imaginário, explicações, indagações, descobertas, que propiciam a busca do leitor/ouvinte a respostas e significações tanto interiormente quanto exteriormente.

Porém, Silva e Martins (2010) destacam que muitos textos podem ser conceituados literários. Como por exemplo, a linguagem cotidiana, que é basicamente utilizada nas narrativas com o intuito de agregar os leitores aos textos, fazendo aproximações entre ele e o livro.

Assim, os autores ainda ressaltam que essa literatura apresentada, baseia-se em tipologias de textos, a fim de relacionar obras tradicionais a obras recentes, no qual, podem ser trabalhadas juntas ou separadas.

Coelho (2000) destaca que esses gêneros textuais trabalhados constantemente na literatura infantil tratam-se dos mitos, das lendas, dos contos, fábulas e novelas. Perante seus estudos, pode-se distinguir estas estruturas por:

- Mito: Procura explicar constantemente o surgimento das coisas, ou dos seres de forma não racional, ou seja, de um jeito que a mente humana não consegue compreender. Geralmente são baseados em culturas e religiões de um certo povo.

São relatos simbólicos que envolvem situações de fenômenos naturais e acontecimentos da vida, incluindo heróis, deuses, criaturas sobrenaturais afim de tentar explicar a realidade que lhes cerca.

-Lenda: Descrição de fatos históricos de algo ou alguém. É transmitida de tradição em tradição sendo transformada com o passar dos tempos. Procura dar explicações para os acontecimentos ou vangloriar/condenar alguém por suas atitudes. Tem por objetivo analisar explicar fatos sobrenaturais e misteriosos.

-Fábula: É a narrativa de maneira simbólica, de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. A julgar pelo que a história registra foi a primeira espécie de narrativa a aparecer.

-Apólogo: É a narrativa breve de uma situação vivida por seres inanimados, ou melhor, sem vida animal ou humana. Normalmente o apólogo tem como personagens seres que ali adquirem valor metafórico. Isto é, não são símbolos como acontece com as personagens da fábula.

-Parábola: É a narrativa breve de uma situação vivida por seres humanos, da qual se deduz, por comparação, um ensinamento moral ou espiritual. A parábola foi muito cultivada pelos povos semitas, sendo a Bíblia uma de suas fontes mais ricas.

-Alegoria: É uma narrativa em prosa ou verso que tem significação completa em dois níveis: no da narrativa em si, como história e no de seu sentido translato, figurado. O que distingue a alegoria é principalmente a presença de entes sobrenaturais, mitológicos, lendários e um tom elevado ou sério.

-Contos: O conto aborda histórias que tratam de experiências de vida, fantasias, príncipes e princesas, bruxas, etc. Geralmente fazem a comparação entre o bem e o mal. Demonstram uma vida mágica aos personagens fazendo conexões entre o imaginário e a realidade. O contexto, o espaço e o tempo são reduzidos, assim os personagens vivem poucos momentos. Os contos dividem-se em: contos de fadas e contos maravilhosos.

Segundo Silva (2009) por um longo tempo, a ciência tentou dominar e explicar a origem de todas as coisas, não havendo lugar para o mundo mágico e para a fantasia, questionavam e duvidavam até mesmo da existência de Deus. Com a evolução da população, essas explicações foram sendo insuficientes e deram espaço para as explicações, crenças, fatos sobrenaturais, lendas e acontecimentos que não podiam ser explicados racionalmente, buscando um novo sentido para o mundo a sua volta.

Assim o autor, ainda reforça que, por meio desse novo paradigma de reflexões, foram construindo-se as primeiras narrativas literárias no qual deram ênfase nas relações e nas verdades humanas, que eram explicadas somente pelo modo tradicional, ou seja, pela ciência. Assim, surgiram os contos de fadas e o conto maravilhoso.

Coelho (2000) complementa que a literatura nasceu do conto maravilhoso, de origens árabes. Temos como exemplo a coletânea “As mil e uma noites” como referência. O conto maravilhoso traz uma narrativa tradicional, que aborda personagens com poderes sobrenaturais, lutando com forças entre o bem e o mal, sofrendo transformações, com tendências de encantamento, não tendo explicação lógica e racional para tal situação. Sua abordagem permeia principalmente as questões materiais, sociais e sensoriais.

Em relação aos contos de fadas, a autora acredita que os contos de fadas surgiram dos celtas. Em seus primeiros enredos não havia presença de fadas, tratavam-se de histórias de culturas diversas, que envolviam o folclore, mitos, poemas, conflitos entre o homem e a natureza. As histórias eram contadas de pai para filho, afim de aconselhar-lhes sobre problemas do cotidiano, permanecendo e modificando-se por gerações e gerações.

Tratavam-se de histórias de adultério, situações diárias, mortes e eram repletas de metáforas que interligavam o consciente do inconsciente. Eles foram permanecendo em um primeiro momento, sendo passados de tradição em tradição, e depois foram sendo reescritos. Começaram a ser registrados na Idade Média, onde foram reunidos e escritas por escritores como: Charles Perrault, Jacob e Wilhelm Grimm, e Hans Christian Andersen adaptando-as de acordo com a necessidade das pessoas, de suas vidas, perante a cada época. (COELHO, 2010)

A autora ainda retrata que os contos maravilhosos e os contos de fadas, foram ganhando adaptações com o tempo, porém a desigualdade ainda imperava

perante a sociedade. A união da ciência com os pensamentos mágicos, formaram outro padrão de sociedade, no qual visasse o indivíduo pelos seus conhecimentos e não pela sua condição financeira. A partir disto, surgiram leis que assegurassem o direito de ir à escola, independentemente de sua classe social, possibilitando um contato maior entre a literatura e a criança.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Para a elaboração desse trabalho foi realizada uma revisão de Literatura apresentando estudos relevantes sobre o tema, baseando-se na busca de assuntos existentes e os conhecimentos dos autores que tratam deste assunto vinculando-os com a problemática do tema, com intuito de compreendê-lo em seus diferentes aspectos. Foram realizadas pesquisas bibliográficas tendo como base para esse projeto leituras de livros e artigos nacionais e internacionais, pesquisas nos sites Google e Scielo, buscando identificar, analisar e compreender as múltiplas linguagens na literatura infantil.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar os questionamentos realizados, pode-se constatar segundo o MEC (2009) que as obras de literatura infantil incorporadas sob vários conteúdos curriculares são de grande importância para os objetivos gerais e comuns de várias áreas sendo trabalhados juntos.

A literatura infantil dentro destas múltiplas linguagens favorece o aprendizado dentro de várias situações que proporcionam o uso da língua dentro de seus variados aspectos. Desta forma, a criança precisa ter contato com esses múltiplos conhecimentos de forma a ampliar suas possibilidades de aprender por meio das histórias contadas. (BRASIL, 2009)

Desta forma, Zilberman (2003) reforça que a função da literatura infantil não está em transmitir apenas conhecimentos e ensinamentos morais, mas sim compreender sua realidade a partir das leituras e da aquisição da linguagem, expandindo tanto seu domínio linguístico quanto seus conhecimentos.

Coelho (2000) contrapõe afirmando que a literatura infantil permeia dois enfoques: o de entretenimento, que encanta, sensibiliza, manifesta vários sentimentos e aprendizados por meio da ludicidade; o pedagógico que diz respeito à literatura infantil trabalhada nessas múltiplas linguagens, promovendo descobertas sobre várias temáticas como o corpo humano, a fauna, os números.

O MEC (2009) reforça dizendo que esses momentos acontecem por meio das Obras Complementares, que auxiliam o aluno a ter acesso aos mais variados tipos de leitura dentro de várias áreas do conhecimento, satisfazendo suas necessidades de uma forma prazerosa, de forma que o contato com os livros seja acessível a todos.

Essas Obras Complementares fazem parte do acervo literário que as escolas públicas cadastradas no censo escolar recebem esses acervos a fim de instrumentalizarem apoio ao processo de ensino-aprendizagem e a formação do leitor, usufruindo de conteúdos diversificados, compreendendo melhor o seu meio e fazendo relações entre este e sua bagagem cultural, estabelecendo diferenças dentro e fora do contexto escolar. (BRASIL, 2009)

Por meio destes materiais os professores propiciam alternativas diferentes de trabalho, podendo trabalhar vários conteúdos em apenas um livro e promovendo conteúdos curriculares por meio de histórias divertidas e que encantam tornando o aprendizado mais prazeroso.

Assim Zilberman (2003) complementa que a realidade entre literatura e a formação do leitor decorre por meio das leituras e da mediação do professor, juntamente com os aspectos sociais interligados ao contexto de vida da criança ao contexto do livro.

A autora ainda afirma que é por meio dessas leituras que a criança consegue estabelecer os princípios e metas da sua vida, transformando a realidade apresentada nos textos, em seu próprio mundo.

Desta forma, Cavalcanti afirma que a literatura infantil tem grande contribuição do processo de ensino aprendizagem das crianças, principalmente na leitura e na escrita, ampliando sua visão de mundo e fortalecendo as relações sociais adentrando em uma realidade mais significativa.

Com base nos estudos, Cosson (2010) destaca que para que seja possível esse aprendizado significativo acontecer, o professor deve mediar o conhecimento em conjunto com seus alunos, um aprendendo com o outro de forma a buscar estratégias que favoreçam a leitura e escrita por meio da literatura infantil. Mas para que haja essa união, o educador precisa saber escolher o material e analisar se este está de acordo com a realidade da comunidade, aproximando o conhecimento dos conteúdos prévios de seus alunos.

O autor ainda afirma que é vago o lugar da literatura infantil nas escolas, pois a tradição doutrinadora ainda prevalece com dominância nos conteúdos curriculares. É necessário que seja trabalhado a leitura em suas múltiplas linguagens permitindo o encontro do leitor com o texto e com conhecimentos que ainda não conhece, para que o aluno aprenda de uma maneira lúdica e prazerosa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as discussões apresentadas, conclui-se que os estudos relevantes ao tema ainda são limitados, porém a implantação dos acervos literários nas salas de aulas tem sido de grande importância para a diversidade cultural e a formação do leitor dentro de múltiplas linguagens, favorecendo não apenas uma área do conhecimento, mas várias em conjunto de uma forma interdisciplinar.

Os acervos complementares favorecem o acesso da criança ao livro, dando oportunidades para que todos tenham contato com os mais variados gêneros textuais de uma maneira prazerosa, formando leitores críticos.

Concluimos por meio de pesquisas bibliográficas que a literatura infantil está em processo de mudanças perante sua natureza, ou seja, tem sido vista como um fator importante no processo de ensino aprendizagem, principalmente na leitura e na escrita, mas ainda é vista como caráter doutrinário. É necessário que esta seja mais valorizada e reconhecida no contexto escolar.

Sugere-se que mais pesquisas sejam feitas perante a temática trabalhada, para que favoreça de fato as múltiplas linguagens na literatura infantil de uma forma acessível a todos.

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, V.T. & BORDINI, M, G. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ALBUQUERQUE, Michele Pereira. **A leitura e a atuação do professor das séries iniciais**. Porto Alegre, 2010.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BASSO, Cíntia Maria. A literatura infantil nos primeiros anos escolares e a pedagogia de projetos. Revista Linguagens & Cidadania. Ed.6. Rio Grande do Sul, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Acervos complementares: **alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. -Brasília: A Secretaria, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 3 e. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSINO, Patrícia. *Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações*. Coleção explorando o ensino. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

COSSON, Rildon. **O espaço da literatura na sala de aula**. Coleção explorando o ensino. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1987.

DUARTE, L.F; ANDRÉ, T.C. **Literatura infantil na hora do conto: a importância da leitura silenciosa e oral segundo Vygotsky**. Unioeste, Paraná: 2008.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LAJOLO, Marisa. **Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço?** Campinas: Unicamp/Cefiel/MEC, 2005

LALOJO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. 6 Ed. São Paulo: Ática, 2008.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Trad. Edgard de Assis Carvalho – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NONO, Maévi Anabel. **Concepções de Criança, Creche e Pré-Escola**. Caderno de formação Formação de Professores. Educação Infantil: Princípios e Fundamentos. volume 1, 2010.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O professor como mediador das leituras literárias. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. Literatura: ensino OLIVEIRA, Ana Arlinda. **O professor como mediador das leituras literárias**. Coleção explorando o ensino. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

PAULINO, Regina da Silva Vicente. **A importância da Literatura Infantil na sala de aula**. Guarabira: UEPB, 2012.

RICHTER, Dieter Marchen. **Phantasie und soziales learn**. Berlim: Basis Verlag, 1974.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. O espaço da literatura na sala de aula. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. Literatura: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2010.

ROCHA, Ruth. **Pra não vacinar a criança contra a leitura. Leitura: teoria & prática**, v. 2, p. 3-10, out. 1983.

SILVA, Alessandro da. **Do conto maravilhoso ao conto de fadas**. VI Seminário de Iniciação Científica – Só Letras – 2009. ISSN 1808-9216

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Arted, 1998.

SORIANO, M. **Guide de litterature pour La jeunesse**. Paris: Flamarion, 1975

SOUZA, Ana A. Arguelho. **Literatura infantil na escola: a leitura em sala de aula**. São Paulo: Autores Associados, 2010. (Coleção formação de professores)

VITÓRIA, CÔRTE. Maria Inês. **Múltiplas Linguagens na Educação Infantil: A criança sob nova ótica, nova ética e nova estética**. *Ágora - educação: revista virtual*. Ano 1, n. 1 -Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 2009

RAUEN, Regina Feltrin. **Práticas Pedagógicas que estimulam a Leitura**. Rio Negro, s.d.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.